

JORNAL: Tribuna da Imprensa LOCAL: Quomakara

DATA: 24/25/01/05/1952 AUTOR: Mário Pedrosa

TÍTULO: Passeando Pelo Salão

ASSUNTO: Mário Pedrosa elogia Ivan Serpa

ARTES PLÁSTICAS

Passeando Pelo Salão

MÁRIO PEDROSA

PASSADA a primeira impressão laborável que se tem ao deparar com o vasto hall do Ministério da Educação, no meio de um "decor" magnífico, com bastante iluminação, repartido por painéis em pequenos compartimentos, em cujas paredes sobressaem inevitavelmente as melhores obras expostas, o Salão Moderno de Arte resiste a um segundo exame.

Há quadros demais acumulados. E, a criste dizê-lo, a maioria deles de qualidade inferior, não deviam estar expostos. E' preciso depurar o Salão, torná-lo não uma feira livre, mas um recinto de seleção. A depuração é indispensável para que se eleve o nível artístico dos expositores. Também já é mais que tempo para barrar a entrada aos acadêmicos e aos acadêmicos disfarçados. O salão está cheio dessa fauna incanescida e que prolifera pela ausência de um critério seguro ou — que ainda é pior — pelo coletismo no julgamento das comissões selecionadoras. O mal não é de hoje. Ao contrário, vem de longe e a comissão atual encontrou pela frente

uma rotina. Não há mais tempo para admitir-se ao lado de autênticos artistas, modernos, surjam filhotes do ensino acadêmico, oportunistas sem princípios, que não sabem mais quando expõem no "salão moderno" oficial, mas ali penetram para ganhar prestígio e diploma de angustioso, à sombra de proteções escusas ou de tolerâncias mal pensadas. Dar nomes é difícil, mormente na ausência de catálogo ou ao menos de uma lista dos expositores. Mas já lá um nome, que me vem agora à mente — Pereira Passos — e que serviu de símbolo ou de bode expiatório para os outros da mesma fauna.

Lo que parece, pelo regulamento, o salão não tem meios de defender-se contra a praga dos "hors-concours". Estes podem mandar as porcelanas que quiserem, sem que ninguém possa barrar-lhes a entrada. Essa rotina regulamentar precisa ser abolida quanto antes, pois é um dos fatores mais decisivos para impedir a melhoria do nível técnico e artístico do próprio salão. Quando se pensa na legião de pessimistas artistas que saem por aí, postados e mascarados, sob a crachá de "hors-concours" no peito, é que se pode avaliar o perigo crescente para os futuros alunos, os quais só se justificam como estímulo aos jovens talentos.

Os "hors-concours" que não são mais chioçoteados pela emulação dos prêmios sentem-se como burocratas ao fim da carreira e ten-

dem a tomar as paredes do salão anual com prejuízo dos artistas que ainda não se aposentaram e ainda têm algo a dizer. Evidentemente, não estamos imitando que todo "hors concours" esteja aposentado ou em fim da carreira. Alguns deles realmente têm talento, embora a maioria, seja um blefe.

Como estamos num país em que aos trinta anos o sujeito já não tem nada a dizer, sentindo-se com direito à reforma e aos títulos honoríficos, preocupado com as Obras Completas ou as Retrospectivas, esses privilégios "hors-concours" devem ser rasgados pois são um estímulo ao arrivismo e não ao esforço inovador.

As paredes do fundo do salão é, com exceção de Guignard e Segall, pessimamente cobertas e pior acomodadas, verdadeiras desastres. Um caso, Campofiorito, membro da comissão julgadora, dando o máximo exemplo aos seus alunos com uma pintura de circunstância em que nada se aproveita e sem nenhuma justificativa para ali estar exposta. Ela não se distingue por nada, nem menos pela cor, além da vacuidade temática, (com uma pomba da paz) na ausência do menor sopro de inspiração, fria e inexpressiva como um exercício de retórica. Os talentos de Campofiorito que existem, não estão positivamente no seu pincel, que ele deveria reservar para as horas de lazer em casa, como preceito de higiene mental.

No outro lado da mesma parede, há um jovem que é hoje um pintor velho, não porque amadurecesse, mas por causa de um conformismo precoce. Glaucio Rodrigues, há três ou quatro anos, parecia uma promessa; hoje é uma desilusão. Pelas paredes das paredes laterais há outros casos escabrosos. Renina Katz, gravadora, também dá do pela involução em que vai. Aliás, a turma bem numerosa do chamado realismo social só se destaca pela uniforme chatice de suas produções, em que não se sabe o que mais lamentar, se a indigência espiritual e de inspiração ou a rombuda inexpressividade dos recursos empregados.

Outro dia, fizemos uma referência a Rescala. Não sabemos, então, que ele também apresentava, além da espécie de paisagem clássica, a que nos referimos, um quadro feito sobre papel com tinta especial. O meio técnico novo não foi entretanto bem aproveitado, pois o pintor usou-o como se estivesse empregando o óleo e isso tira todo o interesse à experiência. O quadro em si, esteticamente falando, como rea-

lização e concepção, é um desastre, desmentindo o outro, da rua luminosa.

E' de justiça mencionar um pintor provavelmente jovem, Plattner. Seus quadros a óleo deixam ainda a desejar, sobretudo pelo tratamento da superfície que suprime a respiração da tela por baixo das camadas de tinta, e nos dá uma matéria feia, anti-pictórica, cuja como mármore de cozinha. As aquarelas revelam, entretanto, um artista mais seguro de seu meio, com sensibilidade colorística e não despidido de imaginação plástica.

No canto dos abstratos, na Quadrad, há um nome desconhecido, Decio Luiz Vieira, que consegue chamar a atenção sobre si, além de Ivan Serpa, em sua lenta, mas segura marcha ascendente, com dois pequenos quadros, dos quais o menor sobretudo é de um equilíbrio apurado de formas e de tom.

Mas não se pode passar por cima dessa sensação, sem uma referência a Ubi Eava que na Bienal de São Paulo se apresentava de um expressionismo figurativo rubro, e agora aparece, silenciosamente, sob o signo protetor de Magnelli, com dois ensaios abstracionistas. O salto é enorme, e causou espanto. Ubi Eava, verdadeira vocação de mestre que sabe inspirar confiança aos alunos, por nunca os enganar, tem os pés em terra, e não — dos que se lidam — os mesmos. Sua experiência nova, seu "salto" não deve pois ser julgado aprioristicamente, e muito menos com levandade. Aguardemos o seu desenvolvimento de nossa parte com simpatia. De qualquer modo, ela é desde já mais um indicio de influência cada vez maior que a Bienal de São Paulo teve e vai tendo sobre os nossos artistas.

AULAS DE PINTURA E DESENHO no Museu de Arte Moderna

Continuarão amanhã, sábado, no Museu de Arte Moderna do Rio, rua da Imprensa n. 16-A, as aulas de pintura e desenho ministradas por Ivan Serpa, de 14 horas para os filhos dos associados, às 16 horas para os sócios adultos e às 18 horas para uma nova turma que foi criada em virtude do excesso de frequência.

As aulas do professor Serpa são dadas com um enfoque eminentemente objetivo e fazem parte do programa de ensino do Museu e de os seus associados.